



Virtualização religiosa: as redes digitais intermediando o diálogo entre os homens e Deus¹

Ilana Almeida²

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

Resumo

A relação entre Igreja Católica e meios de comunicação no Brasil seguiu caminho semelhante ao trilhado em outras partes do mundo e, inicialmente, foi bastante conturbada. Contudo, na atualidade, a utilização dos meios de comunicação por parte da Igreja tem acendido consideravelmente. Podemos citar o meio televisivo, mas sobretudo as mídias digitais estão em crescente procura para a profissão da fé católica. Este fenômeno social tem acarretado mudanças comportamentais no âmbito da Comunicação e da prática religiosa as quais merecem atenção. Nosso objetivo neste trabalho é analisar, a partir do Formismo proposto por Michel Maffesoli, as transformações ocorridas no cotidiano comunicacional de alguns rituais católicos após o ingresso no mundo virtual.

Palavras-chave: Redes digitais; catolicismo, comunicação, cotidiano, formismo.

Introdução

As inovações tecnológicas tem modificado o comportamento da sociedade e *habitus* dos indivíduos de modo geral. Quando direcionamos o olhar especificamente para o campo das comunicações, percebemos de maneira nítida que a inserção de novas tecnologias alterou o ambiente e as possibilidades comunicacionais das pessoas.

O rádio, a televisão, o celular e a internet são exemplos do aparato que adentrou a vida dos sujeitos sem trazer carta de recomendação que explicasse quais os riscos enfrentados pelo corpo social ao fazer uso indiscriminado dos novos “brinquedinhos” eletrônicos e digitais.

Naturalmente os homens passaram a comprar, usufruir e recomendar o uso das novas ferramentas as quais causaram deslumbramento pelas facilidades de comunicação que ofereciam. Tanto é que muitos de nós, hoje, não consegue se imaginar no mundo sem o auxílio dos meios técnicos para se comunicar com os outros e, até mesmo, com Deus.

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

² Mestranda do programa de Pós-Graduação em Comunicação pela Universidade Federal da Paraíba. Bolsista Capes. E-mail ilanasm@hotmail.com.



Essa é a premissa de alguns sítios disponíveis na rede mundial de computadores: mediar o diálogo entre os terrestres e Deus, com a possibilidade inclusive de acender velas, fazer promessas e rezar terços no mundo virtual.

Partindo de três sites mantidos por comunidades católicas brasileira, são eles: www.paieterno.com.br, sítio virtual mantido pela Basílica do Divino Pai Eterno de Goiás; www.saojudasbh.com.br, sítio virtual mantido pelo Santuário de São Judas Tadeu de Minas Gerais e www.a12.com, sítio virtual mantido pelo Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida de São Paulo, analisaremos algumas mudanças no cotidiano dos rituais católicos após a interação com as redes digitais.

O *corpus* selecionado se deu levando-se em consideração que no Brasil aproximadamente 125 milhões de pessoas são católicas³, perfazendo um total de 73,8% da população, de acordo com dados divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Outra questão que influenciou na escolha por sites católicos foi o fato do catolicismo ser uma religião tradicionalista que, através do discurso de alguns de seus líderes, deixa clara certa resistência aos meios tecnológicos de informação.

Buscaremos nesse trabalho ampliar a discussão sobre a internet, a fim de superar o conceito tradicional que num lugar comum destaca apenas o caráter técnico, instrumental, superficial e incompleto desse *medium*.

Nossa fundamentação será ancorada nas teorias que problematizam o cotidiano, isto porque concordamos com o sociólogo Michel Maffesoli quando ele diz que é a partir da observação do cotidiano banal que se pode atingir a complexidade das relações humanas.

As conexões que podemos fazer entre as teorias da Comunicação e a Sociologia permitem-nos compreender que o ciberespaço abre novos fluxos e ambiências de vida, oferece novos canais de comunicação e distribuição, porém eles não são independentes da vida cotidiana. Ao contrário, são correlatos, interdependentes, ao passo que um se alimenta do outro promovendo profundas alterações na cultura comunicacional.

Tentaremos propor um olhar para além das nuances técnicas da internet, longe de polarizar o debate em torno dos apocalípticos e integrados. Nosso interesse é desvendar desdobramentos comportamentais que existem na relação entre religião e a comunicação no mundo virtual.

³ Os dados foram obtidos através do site oficial do IBGE: www.ibge.gov.br. Acesso em 15/01/2011.



Cotidiano enquanto ponto de partida para análise da comunicação

Quando comparamos a sociedade do século XIX aos contemporâneos do século XXI percebemos que a velocidade dos acontecimentos e circulação de informações na atualidade atinge patamares inimagináveis. Alguns teóricos da Comunicação atribuem a responsabilidade por tais transformações às facilidades tecnológicas que estreitaram as distâncias e diminuíram o tempo social, transformando a Terra numa grande “aldeia global”⁴, interconectada e coesa.

Muito embora vários críticos tenham apontado para os cuidados que se deve ter em relação à onda de otimismo e deslumbramento tecnológico que invadiu as universidades e o gabinete de muitos pensadores, não podemos desconsiderar as transformações promovidas na vida individual e coletiva das pessoas.

Junto a modernidade vieram muitos paradigmas e conceituações andando lado a lado com a evolução científica. A razão passou a ser pilar fundamental para explicar os fenômenos humanos e naturais.

Contudo, não passou-se muito tempo até que outros fenômenos sociais, novas maneira de interação entre os homens, a implementação de objetos na mediação das relações, entre outros, começaram a indicar que o pensamento moderno parecia engessado diante da inquietação da sociedade em constante alteração.

Estas transformações provocaram mudanças também no pensamento científico. Parece-nos um caminho extremamente coerente para as Ciências Sociais: se o objeto, que é o corpo social, é movente e se torna a cada dia mais “complexo”, tomando emprestado o conceito de complexidade proposto por Edgard Morin⁵, nada mais pertinente do que desenvolver um pensamento que esteja em sintonia com as mutações societais.

Com base nesse raciocínio, um grupo de pensadores se arriscou ao indicar uma nova direção epistemológica, e falamos em risco porque reformulação é sempre um passo rumo ao desconhecido, fundando o que hoje conhecemos por Sociologia Compreensiva.

⁴ Conceito popularizado pelo canadense Marshall McLuhan na obra "A Galáxia de Gutenberg", lançado em 1962.

⁵ Utilizamos aqui a discussão proposta por Morin na obra “A introdução ao pensamento complexo”, na qual o autor distância o conceito de complexo à algo complicado e aproxima ao sentido etimológico da palavra: tecido em conjunto.



Essa vertente sociológica, como o próprio nome diz, busca compreender os aspectos sociais mais do que explicá-los ou tentar encontrar razões para alimentar a eterna busca por justificativas. Os pensadores dessa linha sugerem um olhar pacífico o qual não imponha limites a pulsão da vida.

Dentro dessa perspectiva o sociólogo alemão George Simmel propõe analisarmos a sociedade a partir de “formas” sociais. Ou seja, o todo que compõe o macrocosmo deve ser observado segundo seus pequenos detalhes separadamente, mas não isoladamente.

Sendo assim, religião, arte, ciência, ética seriam formas que tecem a teia de significados formadora da vida. Cada uma das formas tem seus métodos, lógica e concepção de verdades próprias, porém todas retiram seus significados do mesmo manancial: o mundo sensível.

Em outras palavras, podemos dizer que essas formas tem acesso ao mesmo conteúdo, a mesma matéria-prima, mas a partir dele criam universos paralelos que se entrelaçam com o mundo real. Desta maneira, a arte, religião, ciência, entre outros, se apropriam da mesma realidade e a descrevem conforme uma lógica própria.

Partindo da proposta epistemológica de Simmel, o sociólogo francês Michel Maffesoli amplia o conceito de forma sugerindo que ele seja encarado como um procedimento metodológico, a este ele chamou “Formismo”. Mais preocupado em observar o cotidiano, as microrelações ou procurar a profundidade que existe na aparência das coisas, o princípio do Formismo para Maffesoli (1998, p.86) “é simples: ater-se à própria coisa, não ficar procurando indefinidamente aquilo para o qual poderia remeter tal fenômeno, tal situação”.

Desse modo, uma observação orientada pelo Formismo não limita o objeto a um conceito predeterminado que o aprisione, esta seria a missão das fórmulas, não das formas. A distinção entre fórmula e forma é utilizada por Maffesoli (1998) a fim de facilitar a compreensão:

É isso que nos permite fazer a distinção entre forma e fórmula. Esta fornece soluções, aplica certezas, funciona seguindo pensamentos estabelecidos. A fórmula tem respostas prontas, sobre tudo e sobre todos. Ao contrário, a forma, ou sua expressão filosófica – o formismo - , contenta-se em levantar problemas fornecendo “condições de possibilidade” para responder a eles caso a caso e não de maneira abstrata. (Ibdem, 1998, p. 87)



Não é negligente acompanhar esse pensamento para análise da mídia, seus produtos, implicações e conflitos. Por outro lado sim, apostamos na interdisciplinaridade, pois acreditamos que a contribuição dada pelas teorias que problematizam o cotidiano pode nos aproximar dos fenômenos da comunicação de maneira a compreendê-los em seus mínimos detalhes dentro da estrutura macro:

De fato, a noção de forma, e o formismo que é a expressão desta, incita a considerar que esses diversos elementos, por sua sinergia própria, nos dão acesso a uma estrutura específica, nos levam a enxergar a realidade como uma globalidade. (Ibdem, 1998, p.90).

O cotidiano, na proposta formista, é encarado como um estilo de época que muda de povo para povo e se transforma ao longo do tempo, tendo em vista que os costumes das pessoas difere conforme a disposição geográfica, mas também adquire novas características a partir de diversas influências num processo de remodelação constante.

Diante do exposto, pretendemos uma análise da mídia partindo do cotidiano e não o inverso: uma compreensão do cotidiano que toma a mídia como ponto de partida, já que entendemos que a realidade apresentada nos produtos midiáticos é fragmentada a partir de uma linha editorial, lógica de mercado, e etc .

Antes de nos debruçarmos sobre os aspectos que a religião assume ao ingressar no mundo virtual, vamos, a seguir, fazer algumas considerações acerca do histórico da comunicação e religião.

Interfaces entre comunicação, catolicismo e internet

O pensamento católico em relação à Comunicação Social no Brasil foi construído num cenário conturbado. A separação entre Igreja e Estado, na segunda metade do século XIX, quando a Companhia de Jesus foi expulsa do território nacional, marcou o início do conflito entre mídia e o episcopado brasileiro.

Após a expulsão, alguns bispos recorreram ao diálogo com a opinião pública, invertendo a prática comum do diálogo católico que era limitado aos púlpitos. Timidamente a idéia de que a imprensa poderia servir como canal para difusão em massa dos valores religiosos foi sendo aceita no núcleo do clero.



Em contrapartida, outra corrente de clérigos pregava a defesa da Igreja contra os ataques da grande imprensa. Para esses, a Igreja Católica deveria se afastar da mídia a fim de se manter protegida. Membros dessa corrente tentam manter a resistência até os dias de hoje.

José Marques de Melo esboça um panorama sobre o pensamento comunicacional católico na obra *Teologia, Ética e Mídia* (2007 *apud* LIMA). Marques de Melo destaca as tensões ideológicas enfrentadas pelo Vaticano e o episcopado brasileiro, e lembra que a postura católica em relação à mídia só amoleceu, principalmente no Brasil, após o relacionamento amistoso que o papa João Paulo II cultivou com os meios de comunicação “transformando a figura papal em mídia por excelência” (p. 99).

A falta de consenso entre os bispos brasileiros sobre o papel evangelizador da mídia, de acordo com Marques de Melo, explica a “lentidão” com que fluiu o ideário da comunicação católica.

Mesmo com a discussão proposta pela CNBB – Confederação Nacional dos Bispos do Brasil, em 1997 na assembléia geral da entidade, quando lideranças episcopais priorizaram o exame das políticas de comunicação a serem implementadas no novo século, Marques de Melo (Ibidem, p. 94) destacou o resultado insatisfatório do debate, o que para ele apenas comprova a complexidade da problemática e denota a “temeridade com que o episcopado brasileiro ainda contempla as novas tecnologias de difusão cultural.”

Muito embora não haja concordância sobre as estratégias a serem adotadas pela Igreja Católica no novo milênio, o investimento católico em produtos televisivos dá relevo a profusão de uma prática “televangelizadora”.

Marques de Melo afirma que mídia e Igreja são as principais instituições detentoras de credibilidade junto à opinião pública e que, portanto, devem buscar um ponto de equilíbrio para esse relacionamento:

No plano nacional, a Igreja e a mídia continuam imbatíveis como instituições detentoras de credibilidade pública. Trata-se, agora, de potencializar sinergias, convergências. Ou melhor, de otimizar a cooperação entre os meios de difusão simbólica e os produtores da mensagem utópica, plenamente legitimados pela audiência. (Ibidem, 2007, p. 95)



Num ritmo um pouco mais lento do que outros segmentos da sociedade, a Igreja Católica tem estreitado as relações com meios de comunicação, inclusive com os meios digitais, fato que desperta para uma série de novos fenômenos fruto dessa interação.

A dimensão evolutiva e até revolucionária da mídia com ênfase na informatização, de certo modo, cria um poder de atração por seu caráter interativo, onipresente, o que termina por exigir a presença das organizações e indivíduos no mundo virtual, isso poderia explicar, por exemplo, o crescimento dos websites e perfis de instituições religiosas em páginas de relacionamento.

O teólogo dominicano e professor emérito da Universidade de Frisburgo, Frei Carlos Josaphat (2007 *apud* LIMA, p.19), afirma que no mundo virtual além da dominação dos interesses de lucro ou de curiosidades, surgem também valores humanos, por isso, o ambiente virtual é favorável a “transcendência do amor evangélico”.

Frei Josaphat defende que as religiões busquem apoio nos meios virtuais de comunicação para democratizar o processo de evangelização dos povos, pois, para ele o ciberespaço é um ambiente que proporciona leveza, transparência e velocidade à mensagem:

Para a teologia, sobretudo em sua dimensão prática, moral, está mais do que na hora de não mais algemar a palavra, de realizar a universalidade de seu sentido, de sua mensagem, dando-lhe a leveza, a transparência, a velocidade virtuais, bem no centro do ciberespaço, no seio da globalização supertecnológica, cada vez mais comunicativa em extensão e intensidade. (JOSAPHAT *apud* LIMA, 2007, p. 21)

Porém, Carlos Josaphat não descarta o caráter “de pretensões e de ambições dominadoras e excludentes” o qual marca os meios informatizados. Sendo assim, ele indica que o desafio é superar essas características midiáticas: “o desafio está em que a mídia, em sua última geração ou em suas últimas vagas, ainda continua carregando uma colcha de mesquinhos interesses e de banalidades sensacionais” (JOSAPHAT, p.22).

Entre apologias e divergências, o mundo teológico está cada vez mais imerso na realidade virtual. A seguir analisaremos como algumas práticas católicas tiveram seus cotidianos alterados a partir do ingresso no ciberespaço.

Novas demandas religiosas na realidade virtual



As religiões, num panorama geral, são margeadas por rituais que, muitas vezes, são bastante distintos conforme cada doutrina, mas que sempre são imbuídos de grande valor simbólico.

Normalmente composto por gestos, palavras e formalidades específicas, os rituais são transferidos como herança cognitiva das comunidades religiosas, porém sofrem mudanças no decorrer do tempo.

Na vida litúrgica, a celebração dos sacramentos é o momento em que há uma coesão perfeita do grupo. De acordo com o Georg Simmel (2004 *apud* MARTELLI) essa união e igualdade que se deseja para a vida real da sociedade só é conseguida no plano simbólico, através dos rituais:

Elas suprimem radicalmente as barreiras que habitualmente isolam os indivíduos em suas simpatias e repulsas. Assim, o princípio social de conciliação transcende o caráter sociologicamente estabelecido para se atingir a interioridade destas festas religiosas, e seu espírito recebe disso um simbolismo universal e positivo. (SIMMEL *apud* MARTELLI, 2004, p. 5)

Na religião católica, a missa, o batismo, comunhão, são alguns dos rituais mais conhecidos e realizados pelos praticantes da doutrina. Porém, podemos identificar facilmente algumas mudanças nos rituais católicos, basta pegarmos qualquer livro de “História Geral” para percebemos uma mudança nas primeiras missas realizadas no Brasil, que eram rezadas em latim com o padre virado de costas para a platéia.

Mas não só são considerados rituais as festividades que reúnem muitos fiéis. O ato de ir a qualquer igreja para acender uma vela, geralmente a igreja escolhida é aquela que segue as orientações do santo o qual será destinado o pedido ou agradecimento, já se configura em um ritual muito comum entre os católicos.

Outro ritual, que pode ser praticado em vários lugares, mas em sua maioria é realizado em casa, é o ritual de reza do terço. Nele, o fiel carrega o cordão composto por miçangas que ajuda na contagem de repetições das orações.

Esses dois últimos ritos são muito desempenhados no cotidiano dos praticantes da religião católica, porém, eles estão disponíveis no mundo das redes virtuais, modificando o processo para uma nova realidade ciberespacial.

O sítio virtual mantido pela Basílica do Divino Pai Eterno, Goiás: www.paieterno.com.br, disponibiliza na internet o serviço de acender “vela virtual” no intuito de fazer pedidos ou formalizar agradecimentos. O internauta precisa acessar o



site e preencher o formulário com as intenções as quais se destinam a vela acesa. No formulário, o usuário tem a opção de escolher se a mensagem contendo intenção para qual a vela foi acesa ficará oculta ou disponível para a visualização dos demais usuários do sítio. Contudo, as informações sobre o nome e cidade (informações obrigatórias para o preenchimento do formulário) fica disponíveis para o acesso de todos.

De acordo com números divulgados pelo próprio sítio, o total de velas acessas chega a 244.699⁶. Essa nova configuração do ritual retira o fiel do ambiente do divino, representado simbolicamente pela igreja, exclui a vela material por uma chama virtual, e deixa armazenada as informações sobre o fiel que utilizou o serviço.

O Frei Stefano (2007 *apud* LIMA p. 28) vê com bons olhos as novas práticas comunicacionais religiosas, pois para ele “esse ciberespaço globalizado comporta redes conexas ou suscetíveis de serem conectadas atrelando os dados técnicos, as dimensões psicológicas, sociológicas, culturais e também éticas e espirituais.”

No site www.a12.com, sítio virtual mantido pelo Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, em São Paulo, também é oferecido o serviço de acendimento de velas virtuais acessando diretamente a página, além disso, o católico pode fazer o mesmo serviço através de mensagem (SMS) enviada por celular. O procedimento é realizado ao enviar uma mensagem de texto para o número indicado no site, abrindo a possibilidade para que o serviço seja efetivado também a partir de uma mídia móvel.

Da mesma maneira que acontece no primeiro site citado nesse trabalho, no www.a12.com as informações quanto ao nome e cidade dos fiéis ficam disponíveis. De acordo com os dados divulgados no site, os números de velas acesa chega a 58. 807.

Este site disponibiliza também a opção de rezar o terço virtual, ao clicar na opção aparece à imagem do terço e ao lado as orações na ordem e a quantidade de vezes que devem ser repetidas. Agora, o fiel utiliza a memória virtual para orientação do rito e não precisa da forma materializada do terço durante as orações.

O último site que investigamos a fim de conhecer algumas demandas dos praticantes da religião católica ao ingressarem na internet foi o www.saojudasbh.com.br, sítio virtual mantido pelo Santuário de São Judas Tadeu, Minais Gerais. Este site foi o que apresentou o maior número de velas acesas, com o total de 693.287, o diferencial dele é que todas as intenções ou agradecimento de

⁶ Até o dia do último acesso: 04/01/2011



católicos ao acenderem as velas ficam visíveis obrigatoriamente, sem a opção de ocultá-las.

Nesse, além de ter o computador mediando o diálogo com Deus, esse diálogo é compartilhado com todos os internautas que acessarem o site, e as informações também ficam armazenadas, ou seja, os dados de todos, desde os primeiros internautas que fizeram uso desse serviço podem ser acessados até hoje.

Sendo assim, percebemos que houve alteração no espaço físico no qual alguns rituais costumavam acontecer; se antes os fiéis se deslocavam até as igrejas para acender uma vela, hoje esse procedimento pode ser feito sem sair de casa.

Além disso, houve alteração na utilização de objetos nos ritos quando adentram no mundo virtual, as velas no sentido material não são mais parte fundamental do processo, ou mesmo os terços. No meio virtual, a religião assume um caráter cada vez mais simbólico.

Por último, vale o destaque para as informações sobre o passo a passo religioso dos internautas que são usuários desses sítios, as quais vão ficando armazenadas e poderão ser acessadas desde que a página virtual se mantenha em funcionamento. Nesse sentido, a internet promove uma memória virtual religiosa.

O olhar sociológico sobre esse fenômeno permite-nos compreender que é possível enxergar além dos canais de comunicação e distribuição, “mas também, novas formas de comunitarização virtual” (HATMANN, 2010, p. 3).

Esse trabalho não busca indicar se as práticas religiosas são mais ou menos válidas quando desenvolvidas no ciberespaço. Quisemos observar algumas relações entre os meios de comunicação digitais e demandas católicas nos aproximando do cotidiano de alguns rituais.

A importância desse tipo de análise, como afirma Maffesoli, se dá por que: “esses esquemas quase nunca são conscientes. Os protagonistas sociais os vivem sem pensá-los. Mas, nem por isso, deixam de constituir um pólo forte a partir do qual se pode elaborar um entendimento intelectual de uma dada época” (MAFFESOLI, 1998, p. 92).



Conclusão

As religiões, desde as mais antigas, realizam rituais que são passados geração após geração e compõem a herança simbólica de cada uma. Porém, esses rituais sofrem transformações no decorrer dos anos de acordo com as mudanças da sociedade.

A partir da interação com os novos meios de comunicação virtual, alguns ritos católicos, como acender vela com alguma intenção ou agradecimento, ou rezar o terço passaram a ser procedimentos passíveis de acontecer no ciberespaço, modificando a lógica empregada anteriormente.

Enquanto a discussão sobre a relação entre Igreja Católica e os usos dos meios de comunicação parece não prosperar oficialmente devido às intercessões que existem no próprio pensamento daqueles que compõem a Igreja, alguns membros do episcopado pregam a utilização dos meios, sobretudo os digitais, para a difusão da mensagem religiosa.

Contudo, pudemos observar que o ingresso nos meios digitais propõe novas características ao cotidiano de alguns rituais católicos, conferindo-lhes um caráter cada vez mais simbólico.

Os objetos vela e terço, no sentido material, foram excluídos do processo, dando lugar uma representação virtualizada. Ao mesmo tempo, os fiéis estão deixando de comparecer as igrejas com a intenção de acender velas ou rezar o terço, já que tem esse serviço disponível na internet e pode ser realizado inclusive através de um aparelho celular, através de mensagem.

A utilização do meio digital no intermédio do diálogo religioso possibilita a utilização da memória virtual durante a execução dos rituais, como também possibilita o armazenamento das informações fornecidas para que seja efetivada a conclusão do serviço. A partir da análise do cotidiano procuramos compreender como se dão esses fenômenos sem tentar limitar se são negativos ou positivos.

As interseções entre as teorias da Comunicação e a análise sociológica permitem maior entendimento sobre os processos comunicativos que, hoje, estão cada vez mais relacionados aos meios técnicos, porém não devem ser vistos apenas sob o prisma tecnológico tendo em vista a importância das implicações sociais que eles determinam.



Referência Bibliográfica

HARTMANN, Frank. **Cultura das redes, vida no fluxo da informação**. Revista Temática. Ano VI, nº 10. Disponível em http://www.insite.pro.br/2010/Outubro/culturadasredes_fluxodeinformacoes_hartmann.pdf. Acesso em 05/11/2010.

JOSAPHAT, Frei Carlos. **Teologia moral, valores e desafios éticos da internet**. In LIMA, Maria Érica e TRANSFERETTI, José (Org.). Teologia, ética e mídia. Rio de Janeiro, Ed. Sotese, 2007.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Ed. Vozes. 1998.

_____. **O conhecimento comum**. Porto Alegre: Sulina, 1988.

_____. **A conquista do presente**. Natal: Argos, 2001.

MELO, Marques de. **Comunicação e evangelização na sociedade global**. In LIMA, Maria Érica e TRANSFERETTI, José (Org.). Teologia, ética e mídia. Rio de Janeiro, Ed. Sotese, 2007.

MORIN, Edgard. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget. 2ª Ed. 1990.

SIMMEL, Georg apud MARTELI, Stefano. **Georg Simmel e a religiosidade como forma pura das relações sociais**. Revista Ciberteologia. Ano II, nº 7. Disponível em <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wpcontent/uploads/2009/05/georgsimmeleareligiosidade.pdf>. Acesso em 10/01/2011